

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

A look at Brazilian children through representations of maternal fatigue

Ricardo Cortez Lopes*

rshicardo@hotmail.com

Resumo:

A interação com crianças sempre gera algum tipo de representação social sobre esse grupo. Um tópico de interesse seria a questão do cansaço causado em seus cuidadores, em especial às mães, de modo que estudamos qualitativamente comentários em redes sociais e blogs a respeito desse cansaço, apresentando algumas interpretações (lidas por meio da teoria das representações sociais) sobre a justeza desse cansaço diante das representações sociais sobre criança. Essa diversidade de ideias foi captada através de comentários em páginas da internet referentes ao cansaço materno, e os resultados apontaram para 4 representações: Resiliente, Sisífrica, Narcisista e Libertista.

Palavras-chave:

Cansaço materno; teoria das representações sociais; desabafo.

Abstract:

The interaction with children always generates some kind of social representation about this group. A topic of interest would be the issue of fatigue caused in their caregivers, especially mothers. Thus, we qualitatively study comments on social networks and blogs about this tiredness, presenting some interpretations (read through the theory of social representations) about the correctness of this tiredness. This diversity of ideas was captured through comments on internet pages referring to maternal tiredness, and the results pointed to 4 representations: Resilience, Sisifric, Narcissistic and Libertist.

Keywords:

Maternal tiredness; theory of social representations; vent.

Introdução

Indivíduos na faixa etária infantil nutrem representações e também são alvos delas nos mais diversos aspectos: aprendizado, desenvolvimento, educação, etc. Pretendemos, aqui, explorar a dimensão do cuidado, expressa em parte por via das representações sobre o cansaço. Este tópico, em específico, nos permite acessar significações culturais sobre a própria infância por meio da parentalidade, que surge do contato direto entre cuidador e a criança.

A maternidade e a paternidade são assuntos vitais para uma sociologia da modernidade, dado que elas abordam a base do processo de socialização primária dos indivíduos das próximas gerações. As reconfigurações desses papéis também colocam representações novas para o fenômeno social família, produzindo outras interpretações, igualmente objetos de estudo. Assim, estudar as crianças por meio de suas mães é uma maneira de ampliar a discussão para outros fenômenos sociais. Dessa maneira, o presente estudo guia-se pelo seguinte problema de pesquisa: "que representações sociais sobre crianças são evidenciadas pelos depoimentos sobre cansaço materno?". A nossa resposta se desenvolveu de maneira qualitativa, com enfoque nas diferentes significações produzidas pelos atores sociais envolvidos na relação social analisada. E, do ponto de vista teórico, podemos afirmar que estamos abordando um subtópico de um assunto mais amplo: dentro da representação social "mãe" temos a vinculação direta do adjetivo cansaço, entre outros, e que se estabelecem de maneira relacional. Nesse caso, o que está sendo problematizado é a representação de *cansaço na maternidade*, o que nos permite tangenciar uma série de discussões teóricas sobre a figura materna, tal como a visão psicanalítica.

O percurso deste texto será o de conceituar o cansaço, expor a metodologia e analisar os dados (seguindo os preceitos da análise de conteúdo). Por fim, apresentaremos considerações globais (as induções), às quais vão conectar mais diretamente o cansaço materno com o assunto infância. Vamos iniciar pelo conceito que será investigado e pela sua delimitação.

Sociologia da infância, Neotenia, Representações Sociais e moralidade

Se há cansaço de tipo materno, há, necessariamente, uma fonte deste cansaço. Nesta seção vamos abordar as facetas biológicas e sociais desse cansaço com o fito de delimitar o fenômeno sobre o qual a representação social vai produzir uma reflexividade e uma tentativa de duplicata para conferir sentido ao fenômeno em tela (LOPES, 2019).

A criança humana, devido à neotenia evolutiva, provavelmente é o filhote de cuidado mais dificultado dentro do reino animal. Assim sendo, manter a sua sobrevivência exige algum tipo de dedicação integral por parte de algum cuidador (não necessariamente a mãe). Porém, as instituições modernas, para além de exigir dos pais a sobrevivência do bebê, se preocupam com o desenvolvimento integral do indivíduo neonato, dado que ele é a base de reprodução da cidadania, um dos pilares da existência do estado moderno. Porém, biologicamente, o que seria a neotenia?

Além disso, por este contato entre pais e bebê facilitado pela neotenia, nota-se uma predisposição do filhote *Homo sapiens* para a vida social. Além disso, o leite pobre da fêmea humana e a constante necessidade de amamentação do filhote obrigam o contato mãe-bebê, reforçando ainda mais o caráter social desta relação (DE TONI, DE SALVO, MARINS, WEBER, 2004, p.102)

Portanto, esse processo tornaria o filhote humano muito dependente do cuidador - no caso desse estudo, a mãe - o que, em contrapartida, facilitaria um maior desenvolvimento na cognição da criança, dado que o caráter social da relação estaria estabelecido desde o começo, o que auxiliaria na formação de sinapses. Assim, a neotenia, por si só, já tornaria o ser pai e o ser mãe atividades desafiadoras por si apenas na questão da sobrevivência, e, por muito tempo se apresentaram quase como um destino inescapável, como norma social. No entanto, há algumas subversões possíveis ocorreram nos últimos anos, quando uma mulher contrata outras mulheres para se libertar desse cuidado integral dos filhos (OLIVEIRA, SILVA, 2017), além da revolução sexual nos anos 1970 causada também pela pílula anticoncepcional (DE BARROS, 2017) criando um elemento de voluntarismo em se adotar a identidade de mãe - o que foi bastante ressaltado por uma das representações coletadas, como veremos adiante. Por fim, cumpre reafirmar que a maternidade também se alterou com a pandemia, que obrigou a convivência mais extensa e intensa entre mães e filhos (INSFRAN, MUNIZ, 2020).

No entanto, abordar o fenômeno do estudo apenas pela neotenia poderia gerar uma leitura muito biologizante do mesmo. Como maneira de complexificar o quadro, vamos adotar uma abordagem da sociologia da infância, a qual

[...] propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo-a crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social (SARMENTO, 2005, p.363).

Em síntese, a criança, na nossa percepção, é um objeto de investigação – através das evidências oportunizadas pelo cansaço materno – considerando-a como um grupo social que está se relacionando com a estrutura social, levando em conta as suas condições de existência e as imagens (no nosso caso, representações) construídas sobre elas (por suas genitoras). Como se pode observar, a nossa aderência teórica é completa com a sociologia da infância.

Este fenômeno social vai ser interpretado por meio da teoria das representações sociais (TRS). Conceitualmente, a TRS visa estudar a formação do julgamento por parte de grupos sociais:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Circulam, se cruzam e se cristalizam sem cessar em nosso universo cotidiano através de uma palavra, um gesto, um encontro. A maior parte das relações sociais estreitas, dos objetos produzidos ou consumidos, das comunicações trocadas estão impregnadas delas. Sabemos que correspondem, por uma parte, à substância simbólica que entra em sua elaboração e, por outra, a prática que produz dita substância, assim como a ciência e os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI, 2011, p. 27).

Assim, o objetivo final da nossa investigação poderia ser a de coletar essas representações do cansaço dentro dos diferentes grupos e as expor. No entanto, intentamos também observar a dinâmica dessas representações elencadas dentro dos contextos da comunicação:

Se existem faunas internas e externas de representação, é possível também utilizar-se a metáfora de um estoque de representações sociais para descrever a relação entre indivíduo e representação. Por isso [...] [há uma] relação direta entre o estoque interno de representações, aquelas que a psicologia já estuda, e o estoque externo, aquele que está nos contextos sociais. Mas o autor afirma que não se trata de um estoque simples: é um estoque responsivo de representações (LUCHINI, 2019, p.178)

Dessa maneira, as representações circulam e se colidem, transformando-se a si mesmas dentro dos contextos em que elas vão se construindo. Por esse motivo, também apontamos, ao longo da análise, momentos em que as representações se chocam (nas contendas) e aquelas falas que interseccionam as representações, o que indica a circulação.

Nos referimos à neotenia e ao conceito de representações sociais, porém ainda não estabelecemos o caráter que desejamos dar à discussão mais ampla dos dados. Essa faceta escolhida será o de um estudo da dimensão moral, dado que constatamos muitas relações dimensionadas entre as noções de altruísmo e de egoísmo. Ressaltamos que as relações morais, por si mesmo, não se restringem ao altruísmo ou ao egoísmo, porém estas se constituem como parâmetros viáveis para a análise moral por parte do senso comum de ações, situações, etc, daí a necessidade de sua definição conceitual.

De um ponto de vista bem amplo, o altruísmo é a atitude de um agente de colocar o outro - seja a sua vida, sejam os seus interesses – em primeiro lugar em relação a ele, esquecendo-se dos próprios interesses ou não os colocando em situação de privilégio. Há muitas definições e muitos estudos sobre o altruísmo, que não deve ser equivalido com o de moral no sentido estrito do termo (TUGENDHAT, 2001). Em uma definição mais operacional: “Os seres humanos também podem, independentemente de normas ou obrigações, comportar-se altruisticamente – por compaixão, por exemplo.” (TUGENDHAT, 2001, p.63). Assim, o comportamento altruístico é de natureza opcional: se o indivíduo não tem a opção de se comportar dessa maneira, então não houve escolha e não houve julgamento moral. No caso das mães, a aplicação da ética altruísta é mais do que óbvia: em relação ao filho, a mãe é altruísta ao colocar o bem desse acima do seu próprio. É isso que se espera de uma mãe ou de um pai com relação às crianças que são seus filhos, e casos em que isso não ocorre são considerados como desvio.

Já o egoísmo, em um sentido estrito, tem a ver diretamente com a colocação de si em primeiro lugar ou sem considerar interesses alheios na tomada da decisão: “Uma outra objeção seria ainda a de que o que eu chamei de motivação moral não estaria de fato determinada pelos motivos egoístas pré-morais, mas

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

representaria um tipo de egoísmo elevado” (TUGENDHAT, 2001, p.74). Assim, o egoísmo é uma espécie de reação natural (pré-moral), um instinto de auto-preservação, porém é possível também optar por um egoísmo “escolhido” (egoísmo elevado). Com relação ao egoísmo e a maternidade, causa estranhamento social, atualmente no Brasil, que uma mãe tenha um comportamento egoísta com relação a um filho, este não é um comportamento esperado socialmente. Portanto, os indivíduos mães que buscam uma apreciação moral positiva tentam se distanciar do egoísmo moral demonstrando que sua intenção não é autocentrada, tal como analisaremos adiante.

É de se ressaltar que a relação entre egoísmo-altruísmo é um assunto muito variável no espectro antropológico e histórico. De uma perspectiva nietzchiana e de maneira um tanto simplificada, por exemplo, a moral do herói antiga é mais voltada para o egoísmo investido na honra individual, enquanto que, para a moral cristã (que ele chamou de escrava), o altruísmo é o mais valorizado (NIETZSCHE, 1998). Na mirada antropológica, há sociedades mais individualizadas e outras mais coletivizadas, sendo essa variação sincrônica ou diacrônica. Ou seja, a opção pelo egoísmo e pelo altruísmo, a nível social, não é uma escolha metafísica ou uma essência, mas sim um objeto de estudo propriamente sociológico.

Do ponto de vista biológico, o cansaço ocorre quando o gasto de energia supera a produção da mesma. Atualmente, a expansão do conceito de saúde se aplica também na dimensão mental, e o caso das mães apareceu como o cansaço em duas dimensões, pois muitas apresentaram cansaços físico e mental nos comentários. Assim, urge realizar uma definição, mesmo que provisória, de cansaço materno:

O cansaço, portanto, enquanto categoria nativa, opera nos grupos de mães de camadas médias próximos a mim como pesquisadora e como mãe, nas redes sociais, blogs e Instagram de mães de camadas médias, mas, também, nos diagnósticos mais recentes da psicologia e da psiquiatria com a alcunha da Síndrome de Burnout e, mais recentemente, nas telas de cinema. O cansaço, enquanto termo e ideia, se repete e funciona como expressão que explica o que vem acontecendo entre algumas das mulheres dispostas a essa maternidade intensiva, baseada contemporaneamente no afeto e na presença, e veiculada em livros, sites, blogs e Instagram: o adoecimento materno. Um adoecimento decorrente da sobrecarga e da solidão que esse projeto de maternar parece/pode produzir (CARNEIRO, 2021, p.9)

Aplicando ao nosso caso, o cansaço é a atividade intensivas em oportunidade de descanso suficiente da mãe. Assim, o cansaço materno (inevitável) é uma escolha de ser mãe zelosa, o que vai evidenciar uma série de representações sobre a origem desse cansaço, partindo desse “arquétipo” conceitual para tentar defini-lo. Note-se, não estamos nos referindo às mães em si, ou mesmo ao seu processo de adoecimento (embora ele apareça por meio das falas), mas sim em como as crianças acabam surgindo nesta relação. Dessa maneira, estaremos investigando o quanto diferentes representações estão se referindo ao cansaço. Porém, de que maneira coletamos essas representações?

Metodologia

Este estudo é de caráter qualitativo, tomando como base as interpretações do mundo vivido pelas participantes da pesquisa. Por essa razão, optamos por uma abordagem de tipo qualitativa, para entender as

significações. A nossa ideia central é respeitar o referencial teórico adotado na medida em que mostramos a pluralidade de concepções com relação ao objeto, o cansaço materno.

Cumpramos ressaltar que a estratégia de coleta e análise dos dados foi definida pelas estratégias preconizadas pela Análise de Conteúdo de extração bardiniana (BARDIN, 2011), que é composta por algumas etapas: leitura flutuante (o primeiro contato com o material), pré-análise (com a construção das categorias de análise e a coleta), análise (apreciação do material selecionado) e inferências (com as conclusões do estudo). Esse foi o fio condutor da metodologia de pesquisa, como poderemos apreciar nas próximas seções. Em motores de busca procedemos a procura pelos termos "cansaço mãe" e outras expressões correlacionadas, como "mãe cansada", de onde obtivemos um corpus analítico, o que corresponderia à etapa da leitura flutuante. Duas páginas foram encontradas com mais interações sobre o assunto: um *post* em blog sobre mães - que abordava uma grande variedade de assuntos - e uma postagem na rede social Facebook - que também se focava no cansaço materno. Assim, não foi encontrada uma página dedicada *apenas* ao cansaço materno, porém ele é um tópico que gerou bastante engajamento quando foi levantado nestes espaços, o que aponta para uma demanda social.

Para a pré-análise, propomos duas categorias provisórias, que serviram de indicadores para tornar o conceito observável empiricamente. Elas seriam (1) uma avaliação da justeza desse cansaço e (2) avaliar se a externalização desse sentimento é também justo ou injusto. E, por fim, há a relação prévia de quem interage acerca do cansaço. Os parâmetros desta pré-análise estão expostos na Tabela 1:

Tabela 1: níveis e descritores

Nível	Descritor
Atividade em si	O cansaço é justificado levando em conta as demais atividades desempenhadas pela mãe?
Avaliação sobre a atividade	Há justiça no relatar dessas atividades levando em conta os benefícios obtidos pela atividade?
Relacionalidade	O relato é sobre si mesmo ou sobre terceiros? O relato pode ser oriundo dos pais, maridos ou de fora do núcleo familiar.

Fonte: autoria própria.

Essa diferenciação permite que avaliemos os diferentes julgamentos morais, dado que, aparentemente, está-se partindo de que a atividade é cansativa de fato. Posteriormente, na etapa da análise, o material colhido revelou-se, através de um processo de saturação, estruturado em outras categorias, de modo que reestruturamos a apresentação das evidências para refletir essa conformação encontrada na investigação, que será mostrada na tabela 2:

Tabela 2: representações sociais, descritores e polo.

Representação social	Descritor	Tendência
Resiliência	O cansaço não deve ser moralmente condenado porque ele possui recompensas pelo altruísmo.	Altruísta (Criança) + Dever ser
Sisífica	Não importa o esforço, ele nuncasará o suficiente, à semelhança da tragédia.	
Narcisista	O cansaço só evidencia o egocentrismo das mães, que não conseguem dedicar-se a ninguém que não seja elas mesmas.	Egoísta (Mãe) + Ser
Libertista	Ser mãe é uma opção de vida e não há outros condicionantes envolvidos, de modo que lamentar-se da própria Liberdade seria não possuir autonomia.	

Fonte: autoria própria.

De posse dos dados, procedemos às induções, expressas nas considerações globais, e assim concluímos o estudo. A seguir apresentaremos os resultados obtidos com sua análise, para facilitar a emergência de contrapontos críticos.

Análise dos comentários

Nesta seção vamos lidar diretamente com os dados coletados, procedendo uma análise deles por eles mesmos com o objetivo de apontar para questões mais globais. Essas últimas serão desenvolvidas na seção posterior.

Resiliência

Conforme descrito no referencial teórico, nesta seção foram acomodados comentários relacionados com um desejo de persistência diante das dificuldades da maternidade. Assim, definimos o conceito de resiliência:

As produções científicas que versam sobre resiliência podem ser ora voltadas para pesquisas sobre o constructo, ora voltadas para as práticas do mesmo. Partindo de uma definição em comum (resiliência como a capacidade do indivíduo de recuperar-se de/fazer frente à/lidar positivamente com a adversidade) [...] (TABOADA, LEGAL, MACHADO, 2006, p.105)

Como podemos perceber, é a capacidade do indivíduo de se recuperar diante da adversidade. O interessante é que essa atitude pode ser individual, não necessariamente alimentada pelo apoio familiar: há uma interpretação diante da adversidade que aparentemente ressignifica a ação e permite a persistência.

Acerca dessa representação, podemos começar pelo seguinte comentário:

Cada mãe vive a sua realidade, que deve ser respeitada. Eu, tenho três filhos: 10, 8 e 5 anos. Vivo integralmente em função deles e agradeço a Deus por me oportunizar isso, mas não é fácil. Nesse ano eu pensei que não fosse chegar até o fim. E o pior de tudo é precisarmos descansar e não podermos. Sei que é só uma fase, mas é uma fase exaustiva que não é para qualquer um. (GABRIEL, 2021, s/p)

É evocado o argumento mais relativista de que “cada mãe” possui uma realidade diferente, e ressalta-se que as condições da comentadora é de cuidado integral aos filhos (o que não foi verdade para todos os comentários). Aqui aparece o argumento mais forte dessa representação, que é o da “fase”: a criança não seria para sempre tão dependente da mãe, que poderia se dedicar a outras atividades posteriormente, recuperando sua Liberdade outroar perdida. Houve quem afirmou que:

Isso [a ajuda de outros integrantes da família] seria bom para que todas nós qua do nossas filhas forem mães a gente conseguir aliviar um pouco o fardo, ajudando para que elas possam tomar um banho tranquilo, dando um colo, amenizando toda essa dor que um dia passamos. Assim, faremos seres mais amáveis e consequentemente um mundo melhor. Pois na maioria das vezes escutamos que ninguém mandou a gente ter filho, eu ouvi, mas jamais eu diria isso para minha filha! (GABRIEL, 2021, s/p)

É utilizada a palavra “fardo” para sintetizar todas as atividades, o que dá a entender que é um trabalho de fato e que, adicionalmente, causa problemas emocionais, os quais se refletem na socialização dos filhos - “seres mais amáveis”. Além do mais, a fala contraria o que ela escuta de terceiros (“ninguém mandou a gente ter filho”). Houve também depoimentos que visualizaram o futuro de outra forma:

Depois sentimos saudades de tudo isso enquanto estão ao nosso controle e temos este cansaço é muito bom pior o cansaço de eles saírem e ficarmos esperando ansiosamente com medo deles nesse mundo tão violento onde tantos pais viram seus filhos saírem e não voltarem mais olhar pra cama de seu filho e ve-la vazia aguenta aí mãe esse cansaço la na frente vamos perceber que é muito bom (GABRIEL, 2021, s/p)

Nesse caso, o cansaço é ressignificado com a visão de futuro, o que justifica o envolvimento no presente para com o cuidado da criança. O interessante é que este aspecto, aparentemente, seria um conselho de quem acompanhou filhos ao longo prazo, porém houve também comentários de mães com maior número de filhos simultâneos: “Tenho 3 e todos os dias. Eu repito É fase e vai passar e está passando... Isso sempre me consol eu amoo minhas filhas independente de ser difícil ou não e não trocaria essa experiência por nada afinal é eterna” (GABRIEL, 2021, s/p). Nesse sentido, Podemos observar que a “eternidade” se torna uma sensação presente e que compensaria todo o esforço prévio, e aí que reside a resiliência. Outra questão foi a paterna:

Ângela, apesar de tudo o que foi dito nesse texto, existem mães tão especiais, como você, que conseguem criar filhos tão especiais como o Wagner, que vivenciou cada passo da minha gestação, acompanhou todas as mamadas da madrugada até hoje cuidam de todas nós com todo amor e todo cuidado, provando que existem PAIS que merecem serem chamados de mãe l. (GABRIEL, 2021, s/p)

Nesse sentido, um elemento de resiliência é a presença paterna como colaborativa - e vamos observar, adiante, que existe o pai que é provedor - e que permite um cuidado da propria mãe. Nesses casos, a família

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

estendida não é necessária, a ajuda do pai seria o suficiente. Há a reverberação nesta outra fala: “so a parte que vai precisar de ajuda que é complicada pq muitas vezes as avós que deveriam ajudar dão mais cansaço com seus pitacos, cobranças” (MILENE, 2015, s/p). Dessa maneira, a família estendida ocasionou uma outra fonte de sofrimento para a mãe, tentando imprimir uma autoridade que visivelmente a professora não aceita.

Houve, também, relatos que se focaram na limitação das mães: “Verdade, tem horas q acho q vou entrar em colapso. E tem dias q aguentamos muito mais, sem estresse. Somos humanas, né? E não rola desistir... Então vai do jeito de der” (MILENE, 2015, s/p). A questão da resiliência está expressa no termo “vai do jeito de der [sic]”, que aponta para uma persistência na atividade materna, mesmo fora das condições normais. Essas tornam a mãe, ela mesmo, paradoxalmente, menos “normal”:

Como é bom cada vez que vejo, que minha casa, é igual a de praticamente toda mãe. sou a louca do condominio as vezes, grito, descabelo, choro. e, em dois minutos to abraçando, rindo e beijando. Tudo passa. mas na hora parece um pesadelo. me aliviou um peso das costas ler seu post. obrigada (MILENE, 2015, s/p)

É relatado, portanto, que é detectada tanta sobrecarga da mãe que ela se torna uma pessoa que não consegue cuidar de si mesma (descabelada) e experimentando variação de humor (grito e riso). Dessa maneira, o momento causou o problema mais elevado, porém há uma compensação com a rotina materna. Essa situação reverberou, também, em outras falas:

Meu bb tá com 6 meses... Em vários momentos durante esses 6 meses me desesperei, chorei e me perguntava se iria dar conta... É muito cansativo ser mãe, dona de casa e esposa. Chega um momento do dia que dói tudo, as costas, os braços, as pernas. Mais isso tudo passa quando meu bb olha pra mim e sorri, quando ele me reconhece como mãe(MILENE, 2015, s/p)

Podemos perceber um relato sobre os múltiplos papéis paralelos que assume o indivíduo mãe e que redundam em dores corporais e em outras somatizações. Porém elas, aparentemente, são compensadas pelo afeto da família e do filho.

Uma última qualidade de casos é aqueles que foram bem-sucedidos, e que comprovam a utilidade da resiliência: “Exatamente assim mas tudo é fase mãães eu já passei 2 vezes e venci vcs tbm vão” (GABRIEL, 2021, s/p). Está sendo utilizada a palavra “venci” no sentido de que há uma Guerra travada pela mãe contra as intempéries. O mesmo argumento é tecido em detalhes mais a seguir, em outra fala:

Essa frase “vai passar” foi o melhor conselho que recebi da minha mãe quando me tornei mãe e ficava angustiada por tudo. Sempre falo isso para alguma mãe de primeira viagem! [...] Adoro fazer metas, acabo me sentindo frustrada e sou orgulhosa pra pedir ajuda... nessas horas lembro que não sou perfeita, e que preciso muito de Deus me guiando e me dando sabedoria e paciência. Como é reconfortante reconhecer isso!! [...] Não tem sido fácil cuidar de 3 filhos, sendo que dois deles são gêmeos e tem apenas um aninho, casa, marido e tudo mais. Mas eu sou foda, todas nós somos só precisamos acreditar mais nisso, e vamos conseguir e vai dar tudo certo! (MILENE, 2015, s/p)

Podemos ressaltar a expressão “não sou perfeita”, que ilustra um certo ajuste de expectativa que a mãe possa vir a ter. Assim, há um equilíbrio das possibilidades e uma fuga de uma representação da mãe que a coloca como infalível e inatingível por sua condição de mãe.

O elemento semântico definidor desta categoria é a ideia de fase, que a ocasião seria algo passageiro. Logo, o futuro é o alvo das expectativas morais e o presente só precisa ser superado, o que aloca um ponto de felicidade como possível e o sofrimento presente se tornará passado, mais ou menos na lógica de Marc Bloch (2001, p.9): “O que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino de Memória”. Porém, encontramos também visões sobre uma impossibilidade de plenitude, como mostra a representação seguinte, a *sísífica*.

Sísífica

Nesta subseção, vamos nos deparar com comentários mais desesperançosos, especialmente com o contexto social naquilo que toca a produção do cansaço da mãe. O nome dessa vertente de dados é inspirado no mito grego de Sísifo, que, em síntese, empurrava uma pedra morro acima e, ao chegá-lo, a pedra rolava de volta para o estágio inicial: “Los dioses habían condenado a Sísifo a hacer rodar sin cesar una roca hasta la cima de una montaña donde la piedra volvía a caer por su propio peso. Habían pensado con alguna razón que no hay castigo más terrible que el trabajoinútil y sin esperanza” (CAMUS, 1999, p.342). Logo, esses são os comentários que são o contrário da resiliência na medida em que não percebem uma superação para o sofrimento, que é constante na vida da mãe.

Um conjunto de falas afirmou que as preocupações com as crianças apenas mudam de forma, porém seguem na mesma intensidade em outras faixas etárias: “É difícil sim ,e ainda mas quando começam a adolescência queremos só o melhor pelos nossos filhos mas muitas vezes eles não o reconhece” (GABRIEL, 2021, s/p). Assim, a adolescência é um momento que, mesmo na condição invisível, o trabalho materno se mostra também renegado pelos indivíduos que usufruíram do cuidado.

Uma outra postagem afirma, em um texto longo, o seguinte:

A gente cansa! [?]
 Cansa de dizer que est á cansada. [?]
 Cansa da rotina, de dormir já sabendo como vai ser o próximo dia.[?] A gente cansa de colocar para dormir e não dormir. [?]
 A gente cansa de tentar manter a calma em meio ao desespero. A solidão de uma mãe cansada dói. Dói querer ter um colo e precisar ser ele. [?]
 Dói ser a única na madrugada a vigiar o sono do#bb. [?]
 Ser única dói. Dói não dividir. Mesmo tendo o#pai aolado, mesmo com a casa cheia, só a#mãepassará as 24h do dia conectada e preocupada. Saber que ninguém será como ela, dói. As vezes a gente só queriadeixar de ser um pouco mãe e ser um pouco filha. A gente só queria que alguém escutasse o desespero que grita do nosso coração quando respondemos: “sim, está tudo bem”. A solidão de se sentir a única vivenciando a gestação do filho, a exaustão, as mamadas na madrugada, a cabeça que não para, a preocupação que não vai embora, o estado de alerta que não desliga, a frustração de não ter tempo para si, isso dói. A gente ama ser mãe, mas sofremos pelo mesmo motivo. Mãe é única! Ninguém sentirá o que a mãe sente, ninguém amará como a mãe ama, ninguém se doará como ela (GABRIEL, 2021, s/p)

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

Nessas falas podemos perceber que existe uma percepção de abandono da mãe, visto que ela se sente isolada de outros atores sociais pelo cuidado da criança. Por isso, ela afirma que deseja ser “um pouco filha”, na medida em que não precisa assumir tantas responsabilidades de maneira simultânea. De certa maneira, podemos encontrar certa ojeriza do marido, a quem julga não estar ajudando e isso remete a não ter tempo para si. Outra questão é que: “Verdade, e aí a gente pensa que quando eles crescerem isso tudo vai passar, mais não, continuamos os amando e infinitamente porém sofrendo com as preocupações. Ser mãe é se doar e renunciar pelos filhos uma vida inteira” (GABRIEL, 2021, s/p). Podemos observar a expressão “uma vida inteira” denota a atividade de sísifo, pois a preocupação com a criança é a pedra sendo empurrada morro acima. Assim, doar e renunciar é algo que é feito pela “vida inteira”. Adicionalmente, houve relatos de doenças efetivas:

Eu sei como é, estou passando por isso, não é fácil, minha vida mudou completamente, acabei desenvolvendo uma depressão e crises de ansiedade, só Deus sabe o quanto difícil é ser mãe e passar por isso ao mesmo tempo, estou tomando remédio controlado, porque tem dias que não aguento (GABRIEL, 2021, s/p)

A mãe, no caso, adquiriu doenças (depressão, crises de ansiedade) que não puderam ser tratadas a contento por conta do trabalho cuidando com as crianças. Dessa maneira, a condição de mãe (ao menos no contexto individual deste indivíduo) gerou doenças. Outra mãe relata a existência de doenças de fato:

Estou aqui lento esse texto é caindo em lágrimas ? tenho uma filha de 2 anos e agora uma de 2 meses. Estou muito cansada minha BB não dormi só chora, eu tô perdendo a cabeça, estou rancando os meus cabelos com minhas próprias mãos sinto que não estou bem não tenho mais vontade de viver e muito sofrimento muito cansaço. Eu não tô feliz não tô sendo uma boa mãe ??? (MILENE, 2015, s/p)

Esse comentário foi seguido de alguns outros focados no acolhimento, e, por conta de eles trazerem as mesmas informações, não os trouxemos diretamente para a etapa da análise. No entanto, podemos observar um sintoma grave nesta fala (“não tenho mais vontade de viver”) por conta da falta de descanso. Assim, uma intervenção psiquiátrica se torna necessária por conta do investimento que esta mãe faz no bem do filho.

É claro que esse pareceu ser um caso mais extremo (com o uso de remédios), porém existem relatos menos emblemáticos: “As vezes bate um cansaço mas ninguém vai entender acha que é frescura acha pq a gente não trabalha fora a gente não trabalha em casa e não é cansativo ah então trabalhar dentro de casa as vezes é mais cansativo do que trabalhar fora mas é difícil alguém entender” (GABRIEL, 2021, s/p). Nesse sentido, é ressaltado que o trabalho da mãe é contínuo e que lida diretamente com o comportamento infantil - porém, emerge uma representação social de que o trabalho doméstico seria menos escruciante do que o trabalho em outras áreas.

A reconfiguração do cansaço ocorre em outras falas: “Cansar a gente cansa muito, mas tudo passa, passei por esse cansaço e sobrevivi, hoje filhos crescendo, netos e muitos outros cansaço... e assim vou vivendo só tenho agradecer a Deus por tudo, até mesmo pelo que não deu certo..” (GABRIEL, 2021, s/p). Como

poderemos perceber, esse é uma espécie de comentário de “transição” com a representação anterior, visto que há certa resiliência que não cogita um momento future mais favorável, porém segue construindo motivos otimistas para seguir diante das dificuldades.

Encontramos, até agora, muitos depoimentos de donas de casa, mas há também o de mulheres que trabalham em outras profissões e também de empreendedoras, tal como a fala que se segue:

O mais velho faz um ano essa semana e estou grávida de onze semanas. Trabalho (ou tento trabalhar, porque está sempre tudo atrasado) em casa, em meio ao turbilhão doméstico. Não parei nem quando voltei da maternidade, vida de empreendedor no Brasil é assim. Me desespero quando tenho que fazer alguma ligação profissional entre uma crise choro, peço um milhão de desculpas e fico torcendo para a outra parte compreender que estou somente dando o melhor do que eu tenho. Tem uma camada de pó atrás dos móveis e brinquedos perdidos atrás do sofá. Quando leio esstipo de desabafo, me dá um certo alívio, pois sinto que não estou sozinha, que não estamos sozinhas, e o meu medo de não dar conta quando o segundo nascer até fica um pouco menor (MILENE, 2015, s/p)

Aqui, podemos encontrar um segundo acúmulo, que é o do trabalho fora do lar e do cuidado da criança em si, duas atividades sem tempo flexível. Podemos observar que o cuidado ocorre “entre reuniões”, e que a casa ficou completamente abandonada (“pó”). Ou seja, podemos perceber que a mãe possui interesse em manter um equilíbrio nas atividades, porém não o logra e isso lhe causa sofrimento constante. Nesse caso, criou-se certa resiliência pelo compartilhamento coletivo da situação com outras mulheres, o que ajuda a expiar a culpa individual - mostrando que se trata de uma tendência social mais ampla e que estaria além das forças de uma mãe isolada. Aliás, a habilidade de conciliar pareceu ser uma capacidade aprovada socialmente por outras donas de casa:

[...] adoro aproveitar momentos com as filhas.. sou pessimal em tudo (tudo mesmo) e me sinto pior em saber q existe mulheres q fazem o q faço e trabalham fora e dao conta. elogio? n sei oq é isso, mas criticas ixiii da p fazer um livrinho do quanto a minha mae, marido, sogra e outras pessoas falam d mim...aquela vontade d fugir, largar tudo, mas n da =/ (MILENE, 2015, s/p)

Podemos perceber que a mãe não dimensiona as dificuldades encaradas pelas outras mães, e talvez por isso ela se adjective como “péssima”. Aparentemente, o contato com os familiares contribui para o quadro negativo, uma vez que a convivência geraria muitas críticas – possivelmente por causa da criança, cuja criação enseja a proximidade dos parentes para formulá-las. Ela deseja fugir, porém não vai o fazer por uma noção de dever, possivelmente derivada de uma representação da mãe como essencial para a existência do filho.

O elemento definidor dessa categoria, sem dúvida, é a ideia de transformação da preocupação - primeiramente com o bebê e posteriormente com os adolescentes - e assim é uma ilusão cogitar que o sofrimento algum dia acabará - o que seria o foco da representação resiliente, que seria mais “paciente” que as outras. Podemos observar que essas duas categorias são mais focadas nas crianças, ressaltando a dificuldade por parte da mãe como sendo derivadas desta atividade. Já as categorias posteriores se focam mais nas mães em si, até mesmo para assumir uma perspectiva mais crítica.

Narcisista

Nesta seção vamos observar as percepções das mães que afirmam que uma outra negativize suas experiências por conta da falta de maturidade emocional. Utilizamos essa metáfora porque, na mitologia grega, Narciso foi um personagem que ficou hipnotizado pela própria imagem refletida na água. Os comentários, assim, expressam uma representação que parte dessa avaliação, e podemos começar pelo seguinte:

Quantas mulheres implorando para engravidar. Quantas mães solteiras e outras separadas que se orgulham de criar seus filhos sozinhos.
Essas aí, tem seus companheiros que se não são presente nesses momentos mais são provedores (GABRIEL, 2021, s/p)

Podemos detectar uma espécie de ética da gratidão - mulheres com transtornos reprodutivos ou mulheres que ainda trabalham fora do lar não reclamariam, supostamente, de estar na situação dessas mães. Ou seja, há um narcisismo envolvido em não observar o restante do contexto social, o que cria uma imagem negativa de quem está tendo dificuldade com a resiliência. Houve, também, uma ressignificação do sofrimento:

Meus filhos deram trabalho? Não. O que fazemos por amor e com amor ã é trabalhoso, desgastante. ã tira a alegria de viver. Tive três Lecionava. Levantava às 6 da manhã. Voltava às 13 horas. Hoje homens criados. Trabalhadores. Netos e netas alegrando os dias. E eu, continuo aqui caminhando e sonhando, porque quem parou de sonhar já parou de viver. Ser MULHER tudo de bom. Temos que ser o alicerce bem estruturado e bem firme pra que nossa família ã sofra rachaduras (GABRIEL, 2021, s/p)

Nesse momento, foi experimentado uma espécie de aproximação com a perspectiva resiliente, porém a diferença é ressaltada com a negativa de que é possível se “desgastar”. Além do mais, a mãe advoga para si o papel de estrutura da família, o que seria um motivo de orgulho - e não de exploração, como percebiam as outras representações - e quem não consegue assumir esse papel não experimenta uma alegria de viver que seja autêntica. No entanto, ainda não foi abordado um ataque à mãe, o que já ocorre no comentário seguinte:

Texto cheio de amargura. Sou mãe de tres filhos ... todos casados e hoje com 33, 35 e 37 anos. Me separei com eles pré adolescentes evitando assim o convívio com um pai alcoolatra. Era secretaria executiva de uma grande empresa .. e sempre achei tempo para eles. E o mais moço tinha a saúde frágil. Foi difícil mas o simples fato de ser mãe me fortalecia. Hoje aposentada me delicio com um casal de netos ... nunca mais casei. Vivi para eles. Repetiria tudo novamente (GABRIEL, 2021, s/p)

A expressão empregada “amargura” denota um juízo de valor. Em seguida, essa afirmação foi suportada por um relato da vida da mãe, que comprova que o narcisismo ocorre por parte da autora do texto. Podemos observar que, para essa mãe, a fonte da força interna foi a sua representação de mãe que consegue pensar no coletivo familiar - e nesse caso a expectativa de mãe “forte” é um dever, mais do que uma ilusão. Assim, o futuro demonstra possibilidade de realização maior, e essa expectativa pode ser apreciada no presente da depoente. Uma fala que poderia ser uma transição entre essa representação e a da resiliência foi a seguinte:

No geral é muito cobrança né?

Começando por nós mesmas, mães que tentam ser e fazer o melhor. Na verdade, nos falta compreender que não precisamos ser a melhor mãe, mas sim ser uma mãe com muito amor...o resto flui...com dias de estresse, cobranças mas muito amor!! (MILENE, 2015, s/p)

Assim, mesmo com o “estresse” e as “cobranças”, ainda sim se reconhece que é preciso abandonar certa noção egocêntrica de “melhor mãe”, o que denota um “crescimento pessoal” pela compreensão. Ou seja, o narcisismo é superado por esse aprendizado, o que torna a ser mãe uma atividade educativa para a própria mãe.

Outro ponto ressaltado, em uma fala, foi diretamente sobre as crianças: “Quem mais sofre nessa situação toda são as crianças q não pediram pra vir ao mundo e ficar vendo e sofrendo a falta de paciência da mãe a briga entre os pais isso é triste” (GABRIEL, 2021, s/p). A expressão “não pediram pra vir ao mundo” realoca os pais no seu lugar de “reais” responsáveis pela vida do filho, deslocando o foco das necessidades maternas. Aliás, é o narcisismo que impede uma espécie de crescimento: “É preciso ajuda para vencer os dias difíceis, quando não temos, enxergamos que podemos muito mais do que pensamos! Amo meus filhos!” (MILENE, 2015, s/p). Dessa maneira, a mãe afirma que os seus limites se expandem quando se experimenta a solidão, o que é um extravasamento do indivíduo para dar conta das dificuldades (a resiliência). A mesma ressignificação ocorreu na seguinte fala:

Amei seu texto. Hoje e quase todos os dias tenho me sentido desanimada. Tenho dois filhos uma de 1 ano e outro de 3 anos e confesso que tive que deixar o orgulho de lado e minha onipotência e pedir ajuda pra minha mãe! No início ficava mais exausta...agora já consigo me controlar mais as emoções como o estresse que ficava a flor da pele. Penso muitas vezes que não nasci pra ser mãe. ..mas logo penso que foi Deus que me deu !! Bem maezinhas...agora não tem como retroceder portanto vamos marchando pra frente. ...rumo à vitória! Pq eu creio que vitoriosas somos e seremos qdo todas essas fases passar! (MILENE, 2015, s/p)

Houve, portanto, o retratar de uma transformação do indivíduo, do narcisismo (“o orgulho”) se tornando uma pessoa que consegue controlar as suas informações. Assim, foi possível o auxílio da família nuclear, o que permitiu que essa mãe conseguisse superar as dificuldades maternas - evitando as doenças atreladas a ela e que foram bastante ressaltadas nas duas primeiras representações.

Como pudemos perceber, essa é uma vertente de tipo mais “histórica”, na medida em que está se colocando a biografia do indivíduo que expressa a moralidade do cansaço – na seção anterior, o foco foi majoritariamente no cotidiano e menos na sedimentação. Para concluir a exposição dos dados, apresentaremos os resultados da vertente mais filosófica das quatro, a libertista, que foca muito na ação e na escolha racional em si do que no contexto em si.

Libertista

Nesta seção alocamos os comentários que partem diretamente de uma visão de ação humana purificada de qualquer outra circunstância, ao qual optamos por chamar de libertista - na medida em que acredita na

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

racionalidade estrita da ação humana. Assim, a escolha nada mais é do que o reflexo da vontade individual, logo, tornar-se mãe seria uma questão de escolha.

A primeira fala é um tanto expressiva nesse sentido:

Gente quanta lamentação lamuria mãe é isso mesmo
Tudo que fazemos com amor e por amor não se cobra nada em troca.
São pouquíssimos diria até raríssimo os (pais) que dividem esse trabalho.
Nos mães e mulheres desde que o mundo é mundo
Quem foi que ficou em baixo da cruz quando Jesus foi crucificado?
Não foi sua mãe ?
Somos exemplo de fortaleza
Por isso nosso Pai Eterno nos fez mulher e mãe.(GABRIEL, 2021, s/p)

Assim, a “lamentação” é um problema, pois não há uma aceitação de um mundo pretensamente “real” por parte da mãe - e essa lamentação é o registro desse foco naquilo que não é real. Há, ainda, uma problematização de certa exigência de reciprocidade, o que alocaria, no julgamento desse depoimento, a mãe no polo do egoísmo, o que seria o contrário da força (a essência materna) desenvolvida pela abnegação. Aqui, portanto, a argumentação se mistura com a questão religiosa - porém, essa visão salvacionista foi sustentada com termos laicos também: “tá demais... A maternidade virou sinônimo de castigo, sofrimento, penitência... Nem parece q a maternidade é opcional...” (GABRIEL, 2021, s/p). A possibilidade de se eleger uma opção, nesse caso, poderia não acabar com o sofrimento - porém ajudaria a lembrar da autonomia, o controle da própria vida da mãe. Por isso: “e mas e um cansaço gostoso porque depois que crescem viram adolescente a gente fica com saudade dessa época comigo e assim” (GABRIEL, 2021, s/p). Assim, o cansaço é redimensionado para um sentimento de prazer, e não para um de pena.

Uma penúltima fala interessante é a seguinte:

Verdade só quem é Mãe sabe eu não sou Mãe mais sei q fácil não é pq eu estou acostumada a dormir tranquila não tenho preocupação com filho e muito menos com o Pai que é o q escolhemos mãe q é mãe aguenta o repuxokkkk. E no final bem no final depois de muitos nervos o amor compensa. (GABRIEL, 2021, s/p)

Não se trata da manifestação de uma mãe de fato, porém a representação está lá conformando avaliações do papel social abordado e, mais especificamente, do cansaço, pois no futuro a comentadora deseja conceber filhos. Nesse sentido, é reconhecido que a preocupação cansa, mas também ocorre a afirmação de que “mãe que é mãe aguenta o repuxo”, pois o “amor compensa”. A questão da escolha surge na eleição do pai, que é eleito pela mulher antes de se tornar mãe. Esse ponto, em específico, se reforça na frase “Antes de pensar em engravidar é preciso conhecer bem o dito cujo do futuro Pai” (GABRIEL, 2021, s/p). A utilização dos termos “pensar” e “antes” denotam a racionalidade que a mãe, por essência, deve (no sentido de deveria) adotar, para poder exercer o seu papel no melhor conteúdo possível.

Essa ideia do planejamento familiar (e ao mesmo tempo afetivo) aparece em outra fala: “Ninguém é obrigada a ser mãe, e só é se quiser, reclamar não vai resolver o problema. Escolheu o caminho mais difícil !

Siga em frente sozinha, fazer o que ? Se tivesse perguntado, antes e tivesse , escutado a resposta , não estaria passando por isso!” (GABRIEL, 2021, s/p). Aqui, podemos observar que mesmo o abandono parental não deve ser um motivo para se esquecer da escolha feita e se pensar que houve algum tipo de imposição - o que corrobora a ideia libertista dessa representação. Isso é reforçado na seguinte fala: “Gentem q mulherada cheia de remorsos credo é tão fácil evitar um filho camisinha remédio tem de graça nos postos de saúde” (GABRIEL, 2021, s/p). Assim, toda a situação que está sendo encarada poderia ser evitada por conta do simples ato inicial de se evitar a gravidez por meio das conquistas da revolução sexual, promovendo um altruísmo em longa escala.

Esta é a representação que mais “ataca” o indivíduo mãe, na medida em que se foca no ser e no planejamento prévio. Para ela, a decisão cria o contexto, e não o contexto guia a decisão, e as consequências da ação devem ser experimentadas pelos interatuantes para se poder criar o apreço. Assim, o ataque ocorre às mães que não querem encarar de frente o ônus de sua decisão, o que explicaria o seu desgaste extra diante do cansaço.

Elencadas e avaliada a dinâmica de sua relação, que induções se pode derivar das representações estudadas? Este é o objetivo da próxima sessão.

Considerações Globais

Antes de começar a tecer as considerações, é importante retomar brevemente os conceitos de estudo. Abordamos que se trata de um estudo moral – portanto, partindo das escolhas – das crianças (que são as receptoras acrílicas dos valores de uma sociedade) para refletir sobre o cansaço materno (por conta da neotenia evolutiva e do modo como a modernidade socializa os infantes). Os comentários partem de uma mesma constatação, a de que ser mãe é uma atividade exaustiva, uma espécie de núcleo duro da atividade, porém daí se derivam outras consequências, de modo que foram encontradas 4 variações com relação à representação do cansaço maternal. Ao mesmo tempo, essas representações se aproximam das duas orientações, a altruísta e a egoísta, pois ler o cansaço partiria daí no trato com as crianças. Nos dados pudemos perceber que existia uma representação Resiliente - que enxerga um horizonte diferente - , Sisífrica - que não percebe uma mudança possível - , Narcisista - que enxerga a mãe como alguém que não possui disposição ao esforço - e Libertista - que concebe todas as ações da mãe como escolha individual e racional.

Podemos observar a recorrência dessas modalidades representativas tanto nas relações das mães entre si quanto entre as mães e os membros da família estendida. Isso evidencia que as relações são encarnadas por diferentes indivíduos imersos em diferentes papéis sociais, o que demonstra que as representações não são privilégio de um grupo só - apesar de poder se originar no seu interior.

É possível perceber nas representações a produção de uma “aura materna” que absorve todas as demandas sem criar discordância moral, que aparentemente se gestou fora do grupo. Para as concepções mais egoístas, essa aura existe e é alcançada por meio de uma purificação. Já para a altruísta, essa aura é impossível de ser alcançada, e ela de fato não existe.

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

Aparentemente, os terceiros tendem a adotar a visão mais libertista, segundo os relatos. Porém, essa concepção também é compartilhada por mães com experiência, o que evidencia que os grupos sociais não são homogêneos e não são “donos” de determinadas representações.

Adicionalmente, podemos lançar uma espécie de “sociologia do desabafo”. Ora, o desabafo é uma maneira de traduzir pensamento sem palavras, e na clínica psicanalítica é parte do processo de cura. Porém, aparentemente nos casos estudados, é considerado equivalente à desaprovação moral, o que causa a reação de crítica do interlocutor com a sanção de se trazer a tona a escolha racional. Poderíamos, a partir das representações coletadas, produzir explicações para essa reação retratada.

- (a) **Resiliência** - o sofrimento, enquanto mãe, seria inevitável, e aceitá-lo seria a única maneira de conseguir superá-lo. Essa aceitação seria uma solução a longo prazo para as dificuldades relatadas.
- (b) **Sisífica** – não há superação imediata para esse sofrimento, porém se trata de uma fase da neotenia infantil; logo, a atividade da maternidade, em si mesma, é bastante complexa e o desabafo é completamente compreensível.
- (c) **Narcisista** - a ligação direta da reclamante para como o hedonismo a faz não apreciar a natureza dedicada da mãe; logo, o sujeito precisa supercar esse estágio, porém a solução é individual para cada narcísico.
- (d) **Libertista** - a escolha por ser mãe foi completamente da mãe, e “reclamar” disso é não aceitar as consequências das suas ações. Logo, trata-se de uma falta de autonomia e de dependência emocional.

É claro que esse não é o número total de representações sociais que existem, seria possível encontrar mais analisando um maior volume de comentários, daí a necessidade de estudos futuros que trabalhem com *Big Data*, por exemplo. Porém, para um primeiro panorama, esse levantamento mais diminuto permite a apreciação da dinâmica dessas representações de maneira mais aprofundada, o que pode ajudar a construir parâmetros para amostras maiores.

Os dados apontam também que a família nuclear não consegue dar conta dos cuidados sem a exaustão de no mínimo um dos membros da família. O embricamento entre as famílias nucleares no entanto, é características de sociedade de parentesco, e não necessariamente de sociedades modernas, o que implica na necessidade de se pensar uma outra maneira de se criar o vínculo de solidariedade entre famílias modernas. Pois, quando havia a figura do antepassado, as famílias nucleares aparentemente conseguiam conviver (mesmo que não harmonicamente), o que, somado ao menor investimento na formação infantil, resultavam em uma criação menos penosa dos filhos pelas mães. É claro que a volta ao passado não é algo desejável, porém seria interessante refletir sobre os nossos arranjos atuais de uma perspectiva mais historicizada e buscar soluções a problemas que produzem sofrimento e, as vezes, casos de violência reais.

Podemos encerrar esse texto com uma reflexão sobre parte de uma representação da infância em si, objeto do presente dossiê. Esse assunto ajuda a abordar certo "bastidor" da socialização infantil, e também auxilia a se pensar como a infância “ideal” é concebida pelos grupos sociais: ela deve ocorrer em um espaço

em que há um adulto responsável - com dedicação exclusiva, profissional ou não - e a criança deve estar livre de afazeres domésticos para poder focar no seu próprio desenvolvimento integral. Esse tipo de apreciação está parcialmente expresso juridicamente também no ECA, na questão do direito a brincar e se desenvolver. Logo, o cuidador (que na maioria das vezes é a mãe) é o outro lado da construção da infância, e se a criança é significada como parte de um fardo insustentável, existe uma evidência relevante sobre a nossa sociedade num todo.

Considerações Finais

O presente artigo tratou das representações sociais sobre o cansaço maternal, que produz reflexões sobre a infância em si no cuidado aos filhos. Buscamos essas representações em publicações na *world wide web* e, após os procedimentos metodológicos qualitativos, os resultados apontaram para quatro representações sobre o cansaço materno: Resiliência, Sisífica, Narcisista e Libertista. Essas quatro representações foram analisadas e assim o problema de pesquisa foi respondido. Podemos, nesse momento, encerrar o texto com algumas reflexões.

É certo que não há como se calcular todas as consequências das ações de uma pessoa, e talvez falte acolhimento para a situação maternal como os dados deram a entender. No entanto, parece haver uma dicotomia entre autonomia e heteronomia na medida em que o desabafo retira a mãe do polo da autonomia (algo que é admirado socialmente) para o da heteronomia (que é desvalorizada socialmente, conforme os dados, por isso a mãe deve ser autônoma e o filho heterônomo).

Para o futuro, podemos estudar o cansaço paterno também como um objeto na medida em que há novas representações que merecem estudo, para além do pai tradicional que não participava da dimensão doméstica (que acabou se tornando a estereotipia de pai). Nesse sentido, é possível perceber fenômenos se desenrolam em frente ao sociólogo em tempo real.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMUS, Albert. El mito de Sísifo. **Cuadernos de Economía**, v. 18, n. 31, p. 341-343, 1999.
- DE BARROS, Patrícia Marcondes. A Revolução Sexual nos anos 70 e o pensamento contracultural de Rosie Marie Muraro. **Revista NUPEM**, v. 9, n. 18, p. 98-108, 2017.
- CARNEIRO, Rosamaria. Cansaço e violência social: sobre o atual cotidiano materno. **Cadernos Pagu**, 2021.
- DE TONI, Plínio Marco; DE SALVO, Caroline Guisantes; MARINS, Marcos César; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. Etologia humana: o exemplo do apego. **Psico-USF**, v. 9, p. 99-104, 2004.
- GABRIEL, Daniela. Publicação do dia 29 de dezembro de 2021. **Facebook**. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/745617139152004/posts/1506300633083647/?app=fbl>. Acesso em 16/03/2021.
- INSFRAN, Fernanda; MUNIZ, Ana Guimarães Correa Ramos. Maternagem e Covid-19: desigualdade de gêneros endoreafirmada na pandemia. **Diversitates International Journal**, v. 12, n. 2, p. 26-47, 2020.
- LOPES, Ricardo Cortez. **Evasão e persistência de alunos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um estudo moral das representações sociais**. (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

O que as representações do cansaço materno podem informar sobre as crianças?

LUCHINI, Nadila Albuquerque. RESENHA: " CONSTRUINDO CONTEXTOS: UMA CONTRIBUIÇÃO SOCIOLOGICA PARA COMPREENDER A RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE". **Revista Interdisciplinar em Gestão, Educação, Tecnologia e Saúde**, v. 2, n. 2, p. 177-187, 2019.

MILENE. 5 Mensagens para uma mãe cansada. 2015. **Diiirce**. Disponível em: <https://diiirce.com.br/5-mensagens-para-uma-mae-cansada/>. Acesso em 16/03/2021.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

OLIVEIRA, JosuéPetrônio; SILVA, HeloanaJéssica. UM BREVE OLHAR SOBRE EVOLUÇÃO DO DIREITO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO. REVISTA **HUM@ NAE**, v. 11, n. 2, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 361-378, 2005.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.

TUGENDHAT, Ernst. Como devemos entender a moral?. **Philosophos-Revista de Filosofia**, v. 6, n. 1/2, 2001.

Submissão: 24/03/2022

Aceite: 04/10/2022